

A Marinha na Grande Guerra - O Teatro de Operações de África

Capitão-de-Mar-e-Guerra
José António Rodrigues Pereira



Preâmbulo

O Século XX iniciou-se sob o espectro do confronto entre o Império Britânico e o Império Alemão, pela hegemonia mundial.

Numa tentativa para acalmar os ímpetos germânicos, a Grã-Bretanha negociara a divisão do Império Ultramarino Português, caso Portugal não conseguisse pagar os empréstimos concedidos pela banca internacional, e que a instabilidade política nacional fazia prever.

Mas estes factos não foram suficientes para que os sucessivos governos portugueses (da monarquia e da república) pusessem em execução, apesar das muitas propostas elaboradas, um programa de reequipamento naval que dotasse o país de uma força naval compatível com os seus extensos e dispersos domínios ultramarinos.

É neste contexto que se inicia, em Agosto de 1914, o primeiro grande conflito mundial.

A Marinha no Conflito

A actuação da Marinha na Grande Guerra é praticamente desconhecida, com a excepção do combate da patrulha de alto-mar^[1] *Augusto de Castilho* com o cruzador-submarino alemão *U-139*.

Quando, em Agosto de 1914, rebentou o conflito que ficaria conhecido como a *Grande Guerra*, Portugal tinha grandes extensões de fronteira com a Alemanha. Recordemos que eram colónias alemãs os actuais territórios da Tanzânia, na fronteira Norte de Moçambique, e da Namíbia, na fronteira Sul de Angola.

Nessa época, a Armada Portuguesa contava com um conjunto de unidades navais muito heterogêneas, de que se destacavam cinco cruzadores, três contratorpedeiros classe *Douro* e três canhoneiras da classe *Beira*, mas que a rápida evolução dos armamentos navais verificada nos primeiros anos do Século XX, tornara obsoletos.

Quadro dos Navios da Armada em 1914

Tipo	Nome	Data Aquisição	Deslocamento (Ton)	Potência (CV)	Armamento (mm)	Guarnição (Homens)
Cruzador	<i>D. Carlos I</i> (depois <i>Almirante Reis</i>)	1898	4.253	12.730	4 peças de 150 8 de 120 14 de 47 2 de 37 3 metr 5 tubos lança-torpedos	318
	<i>Adamastor</i>	1896	1.757	4.000	2 peças de 150 4 de 105 2 de 65 3 metralhadoras 3 tubos lança torpedos	237
	<i>São Gabriel</i>	1898	1.838	3.000	2 peças de 150 4 de 120 8 de 47 2 de 37 2 metralhadoras 1 tubo lança-torpedos	242
	<i>Rainha D. Amélia</i> (depois <i>República</i>)	1899	1.683	5.000	4 peças de 150 2 de 100 4 de 47 2 de 37 2 tubos lança-torpedos	263
	<i>Vasco da Gama</i>	1876 1902	3.030	6.000	2 peças de 203 1 de 150 1 de 76 8 de 47 4 metralhadoras	259
Iate Real (depois Aviso de Esquadra)	<i>Amélia</i> (depois <i>Cinco de Outubro</i>)	1900	1.365	1.800	2 peças de 47 4 de 37	74

Tipo	Nome	Data Aquisição	Deslocamento (Ton)	Potência (CV)	Armamento (mm)	Guarnição (Homens)
Contratorpedeiro	<i>Douro</i>	1913	670	11.000	1 peça de 100 2 de 76 2 tubos lança-torpedos	73
	<i>Liz [1]</i>	1914	550		4 peças de 76 2 tubos lança-torpedos	75
Submersível	<i>Espadarte</i>	1912	300	650	1 peça de 76 2 tubos lança-torpedos	58
Canhoneira torpedeira	<i>Tejo</i>	1901	536	7.000	1 peça de 100 1 de 65 1 metralhadora 2 tubos lança-torpedos	111
Canhoneira	<i>Rio Sado</i>	1875	645	500	2 peças de 105 2 de 65 1 de 37 1 metralhadora	107
	<i>Zambeze</i>	1886	616	510	3 peças de 100 1 de 37 1 metralhadora	107
	<i>Zaire</i>	1884	558	500	2 peças de 100 2 de 37 1 metralhadora	107
	<i>Limpopo</i>	1890	288	523	2 peças de 47 1 metralhadora	48
	<i>Açor</i>	1886	335	360	1 peça de 47	53
	<i>Chaimite</i>	1898	341	480	2 peças de 47 2 metralhadoras	31
	<i>Lúrio</i>	1907	305	500	2 peças de 47 1 metralhadora	55
	<i>Save</i>	1908	305	500	2 peças de 47 1 metralhadora	
	<i>Pátria</i>	1903	636	1890	4 peças de 100 6 de 47 1 metralhadora	157

Tipo	Nome	Data Aquisição	Deslocamento (Ton)	Potência (CV)	Armamento (mm)	Guarnição (Homens)
Lancha Canhoneira	<i>Sena</i>	1904	70	100	2 peças de 37 1 metralhadora	7
	<i>Tete</i>	1904	70	100	2 peças de 37 1 metralhadora	7
	<i>Zagaia</i>	1909			3 metralhadoras	27
	<i>Flecha</i>	1909			3 metralhadoras	27
	<i>Macau</i>	1909	135	250	2 peças de 57 3 metralhadoras	28
	<i>Cacheu</i>	1901	40	100	2 peças de 37 1 metralhadora	7
	<i>Infante D. Manuel</i> (depois Rio Minho)	1904	38	64	1 peça de 37	49
Torpedeiro	<i>Nº 1</i>	1882	54	450	1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos	15
	<i>Nº 2</i>	1886	66	700	1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos	17
	<i>Nº 3</i>	1886	66	700	1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos	17
	<i>Nº 4</i>	1886	66	700	1 peça de 37 2 tubos lança-torpedos	17
Navio Escola	<i>D. Fernando II e Glória</i>	1843	1.849	à vela	1 peça de 120 2 de 105 2 de 76 4 de 47 1 de 37 2 metralhadoras	91
	<i>Duque de Palmela</i>	1869	750	à vela	1 peça de 76 1 peça de 47	66
Transporte	<i>Salvador Correia</i>	1895	300	450	1 peça de 75 2 de 37	47
Rebocador	<i>Lidador</i>	1884	252	400	1 peça de 37 1 metralhadora	35
	<i>Bérrio</i>	1898	408	1070	---	42

Tipo	Nome	Data Aquisição	Deslocamento (Ton)	Potência (CV)	Armamento (mm)	Guarnição (Homens)
Vapor	<i>Vilhena</i>	1882	159	80	1 peça de 80	21
	<i>Dilly</i>	1909	[2]	[2]	[2]	
	<i>Vulcano</i>	1910	179	412	1 tubo lança-torpedos	27
	<i>Lince</i>	1911	151	412	2 peças de 37	17

[2] Desconhecido.

Apesar da declaração de neutralidade assumida pelo Governo Português, no início do conflito, a Marinha teve de enfrentar, de imediato, a organização de escoltas para os navios mercantes portugueses, tarefa que a Armada iniciou logo que eclodiu o conflito e mesmo antes de Portugal se tornar uma nação beligerante.

Em África, no entanto, e apesar da neutralidade portuguesa, as forças militares alemãs hostilizavam as guarnições portuguesas nas fronteiras.

A 25 de Agosto de 1914, forças alemãs atravessam o rio Rovuma (Moçambique) e atacam o posto de Mazúia, massacrando a pequena guarnição: seis soldados africanos, comandados pelo Sargento de Marinha Eduardo Rodrigues da Costa, que seria o primeiro militar português morto no conflito.

A 31 de Outubro de 1914, o posto de Cuangar (Angola) foi atacado e a sua guarnição chacinada.

O Governo Português, mandou preparar duas expedições militares com destino aos territórios, onde existiam extensas fronteiras com a Alemanha: Angola e Moçambique.

O Transporte de Tropas

A Marinha empenhou, na escolta dos transportes de tropas, os seus mais poderosos meios navais – os cruzadores.

A 11 de Setembro, largaram de Lisboa os paquetes *Moçambique* e *Durhan Castle*^[2] com os Corpos Expedicionários do Exército destinados a Angola e a Moçambique, escoltados pelo cruzador *Almirante Reis* e pelas canhoneiras *Beira* e *Ibo*.

A 1 de Outubro, partiu o paquete *África* com os primeiros militares do Corpo Expedicionário para Angola. Sendo o navio escoltado pelo cruzador *São Gabriel*.

A 5 de Novembro de 1914, largou de Lisboa o paquete *Beira* com o *Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola*.

A 22 de Novembro de 1914, largou de Lisboa o vapor *Cazengo* com os noventa homens da *Força Expedicionária de Marinha para Cabo Verde*.

A 1 de Dezembro, largaram de Lisboa os paquetes *Ambaca* e *Peninsular* com as restantes forças destinadas a Angola, sob a escolta do cruzador *Vasco da Gama*. Nas Canárias a escolta passou para o cruzador *São Gabriel*.

A 20 de Janeiro, largou de Lisboa o cruzador *Vasco da Gama* escoltando os paquetes *Moçambique* e *Zaire* com tropas para Angola, onde chegaram a 5 de Fevereiro.

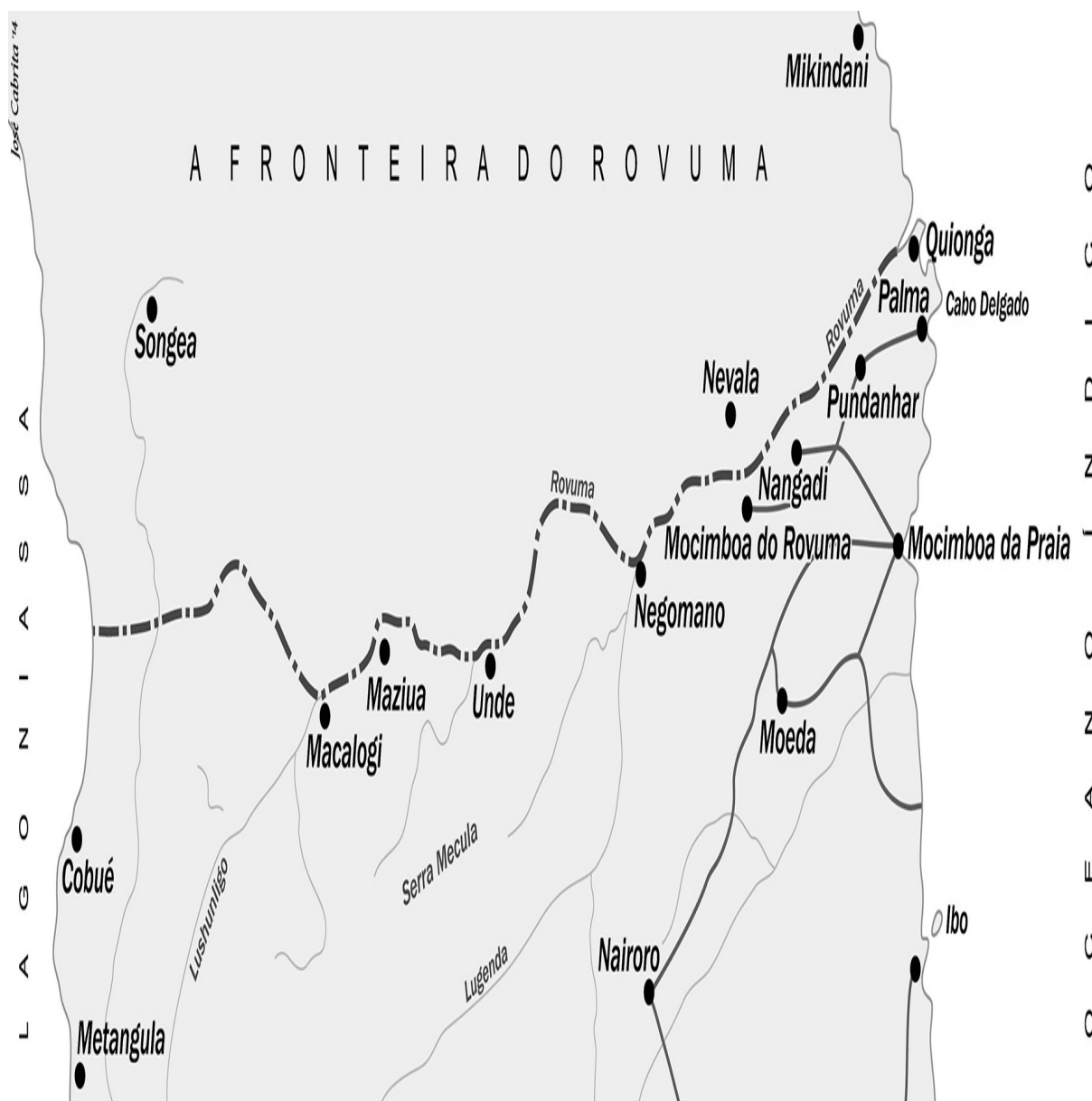


Figura 1 - A fronteira do Rovuma

A 3 de Fevereiro de 1915, largaram de Lisboa os paquetes portugueses *Ambaca* e *Portugal* e o francês *Britannia*, com tropas para Angola, escoltados pelo cruzador *Adamastor*, que, devido a uma avaria, teve de regressar a Lisboa.

Em 28 de Maio de 1916, largou de Lisboa o paquete *Portugal* com as primeiras forças da expedição do General Ferreira Gil, com destino a Moçambique. Seguiram-se o Moçambique (3 de Junho), o Zaire (24 de Junho), o Machico (28 de Junho) e o Amarante (8 de Julho), cujas chegadas a Palma se iniciaram a 5 de Julho.

Angola

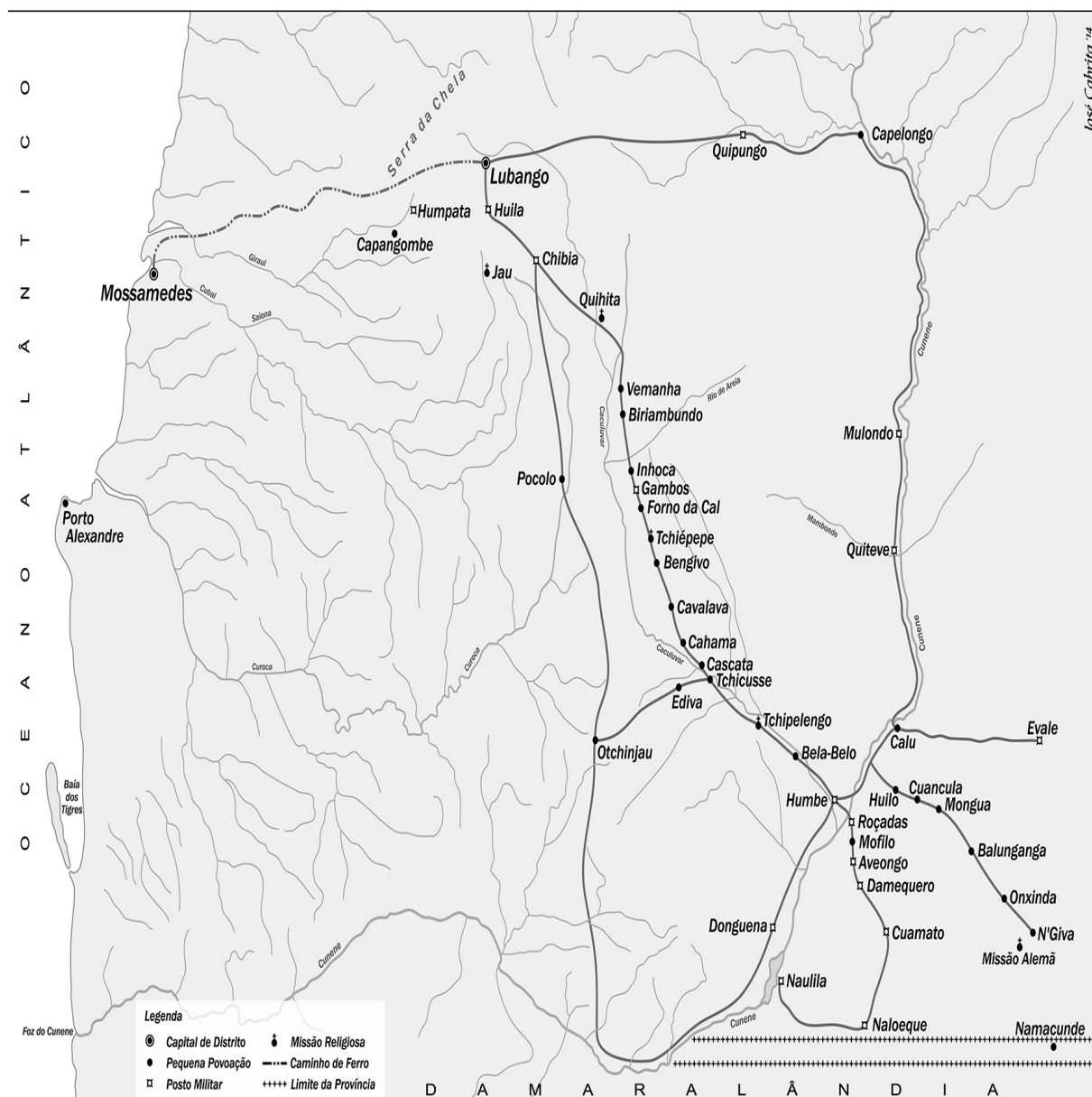
Foi preparado, ainda em 1914, um *Batalhão de Marinha* destinado a operar em terra. O Batalhão, composto por 545 militares (dezoito oficiais, trinta e três sargentos e 512 praças), embarcou a 5 de Novembro, no paquete *Beira*, com destino a Angola.

Chegado a Moçâmedes, a 23 de Novembro, seguiu de imediato para o interior, primeiro por caminho-de-ferro até à serra da Quilamba; e dali, numa penosa marcha sob sol abrasador e com falta de água, carregando um equipamento individual que pesava 37 kg. A subida daquela serra marcou o início da dura campanha e provocou um enorme desgaste nos homens e nos animais, registando-se logo aqui as primeiras baixas.

Durante seis meses, os homens do Batalhão de Marinha foram dispersos pelos vários postos avançados. Foi da base de Tchicusse que partiu o ataque ao Tchipelongo por um destacamento constituído por um pelotão de Marinha e outro de landins, comandados pelo Primeiro-tenente Afonso de Cerqueira, em defesa da missão francesa que, assim, pode ser evacuada em segurança, com os seus haveres. Esta acção obrigou as forças portuguesas a uma marcha, quase sem descanso, de 54 km.

Para além do inimigo, o Batalhão teve de enfrentar as difíceis condições da campanha, com temperaturas a variar entre os 39º C (de dia) e os 4º C (de noite), a falta de abrigos apropriados, a deficiente alimentação e, muito especialmente, a falta de água ou a má qualidade da existente que provocou numerosas baixas – o tifo, a disenteria e o paludismo reduziram os efectivos a 15 oficiais e 314 praças^[3].

A pequena, mas importante, vitória de Tchipelongo, moralizou as forças portuguesas que decidiram avançar para Sul em direcção ao Cuamato e Cuanhama.



Desenho do Autor/José Cabrita. Adaptado de “O Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola”, F. Oliveira Pinto, Anais do CMN, Abr 1918, pág. 280

Figura 2 - Mapa das Operações no Sul de Angola

Após penosas marchas onde se perdeu muito gado, por sede e cansaço – obrigando a abandonar os carros com munições, a coluna acampou, a 17 de Agosto, na pequena *chana* da Mongua, com a mata a apenas 300 metros do quadrado português.

No dia 18, a força portuguesa é atacada por 12.000 guerreiros – que dispunham de mais de 5.000 modernas espingardas *Mauser* – e que lançavam sobre os portugueses toda a espécie de projecteis, desde zagalotes até balas *dum-dum*.

Rechaçados pelas forças portuguesas – que, além das espingardas, dispunham de dezasseis metralhadoras e oito peças de artilharia – o inimigo afastou-se.

Voltaram no dia seguinte (19 de Agosto) e voltaram a ser rechaçados; mas a situação no quadrado português começava a mostrar-se dramática pelo cansaço, pela sede e pela perspectiva da falta de munições. Nessa noite, um pelotão de Marinha participou num assalto que desalojou o inimigo das cacimbas próximas, permitindo o abastecimento de água.

Na manhã do dia 20, o soba Mandimba lança novo ataque sobre a face do quadrado onde estava o Batalhão de Marinha. O combate durou das 7h00 até às 15h00 e tornava-se necessária uma acção que o terminasse; a solução era uma carga. Mas só havia sete cavalos, pelo que se decidiu por uma carga à baioneta, executada por um pelotão de Marinha e outra de Infantaria 17. Mas toda a 2^a Companhia do Batalhão saltou do quadrado^[4]. O inimigo, surpreendido pelo arrojo da iniciativa portuguesa, recusou a luta corpo-a-corpo, e debandou definitivamente.

O *Batalhão de Marinha* teve, neste combate, 74 feridos ficando reduzido agora a 279 dos 545 militares que o compunham inicialmente. A 20 de Setembro, o Batalhão foi retirado da área de operações, regressando a Lisboa a bordo do *Zaire*, a 15 de Outubro de 1915.

E, como afirmou Cerqueira no seu Relatório “*viu ainda, triste e com surpresa, a indiferença e a frieza com que o Batalhão de Marinha foi recebido à chegada a Lisboa, em 15 de Outubro de 1915 (...) no Quartel de Marinheiros só se encontrava o oficial de serviço para o receber!*”.

Sobre a acção desta força de Marinha, referiremos o que sobre ele escreveu o general Pereira d'Eça:

“Todas as unidades cumpriram o seu dever por forma a justificar o grande orgulho que tive em tê-las comandado, porém julgo merecedor de especial menção o Batalhão de Marinha. Foi, sem o menor exagero, uma unidade de elite, cuja ténpera fica definida dizendo que foi a mais resistente nas marchas e a mais esforçada nos combates”.

Numa homenagem ao Batalhão de Marinha, o General Pereira d'Eça ofereceu a sua espada ao *Corpo de Marinheiros da Armada* que, em formatura geral e perante as altas hierarquias do Exército e da Marinha, a recebeu, em Novembro de 1917, e hoje, orgulhosamente, a exhibe no *Museu de Marinha*.

Cabo Verde

A Marinha teve também intervenção importante na defesa dos portos que, no caso do Ultramar, teve especial importância o Mindelo, na ilha de São Vicente (Cabo Verde).

O porto do Mindelo era um importante ponto de amarração dos cabos submarinos,

fundamentais, na época, para as comunicações telegráficas da Europa com a América e a África; o Mindelo era também, naquela época, um estratégico porto abastecedor de carvão para a navegação e, então, especialmente para a esquadra britânica em serviço naquela área do Atlântico.

Em Novembro de 1914, a Marinha enviou para aquela ilha o seu primeiro contingente para o Ultramar; uma força de noventa homens para efectuar a vigilância e defesa dos cabos submarinos.

Em Setembro, foram enviadas para Cabo Verde as canhoneiras *Ibo* e *Beira*, a que se seguiria, mais tarde, a *Bengo*.

Quando, em Fevereiro de 1916, se procedeu à requisição dos navios alemães e austríacos estacionados em portos portugueses, a *Beira* participou nessas operações, no porto do Mindelo, onde se encontravam oito navios alemães^[5]; a sua guarnição ficou ainda com responsabilidade da guarda daqueles navios e da escolta das suas tripulações até à ilha de São Nicolau, onde ficaram internados.

Entre Março e Novembro de 1916, a esquadra britânica do Atlântico, depois de um período baseada no Funchal, transfere a sua base para o Mindelo devido ao aumento, naquela região, da ameaça submarina alemã.

Mesmo depois da saída da esquadra britânica, o porto do Mindelo continuou a ser um alvo para os submarinos alemães; em 4 de Dezembro de 1918, surgiu diante do porto um submarino que, atacado a tiro pela *Beira* e a *Ibo*, foi obrigado a mergulhar.

Mais tarde, a 2 de Novembro de 1917, o cruzador-submarino alemão *U-151* torpedeou os vapores brasileiros *Guahyba* e *Acary*, mas a reacção da *Ibo* fez o inimigo abandonar o ataque.

No início de 1918, com o aumento da ameaça submarina, a Marinha montou um sistema de barragens submarinas e peças de artilharia em terra; simultaneamente, passaram a organizar-se comboios cujas saídas eram coordenadas pelos navios portugueses.

Mozambique

O cruzador *Adamastor* partiu de Lisboa, em 15 de Dezembro de 1915 a caminho da Índia; mas, em Fevereiro de 1916, quando da declaração de guerra alemã, o navio encontrava-se em Lourenço Marques e foi decido que ali ficaria; iria juntar-se à canhoneira *Chaimite*, aos vapores *Luabo*, *Pebane* e *Pungué* e às lanchas canhoneiras *Salvador*, *Sena* e *Tete*, da *Esquadrilha do Zambeze*.

A 20 de Maio de 1916, quando os escaleres do navio procediam a um reconhecimento na foz do rio Rovuma, na fronteira Norte, as tropas alemãs, estacionadas na margem esquerda, abriram fogo contra aquelas embarcações, o que obrigou o *Adamastor* a

bombardear as posições alemãs.

No dia seguinte, e com a colaboração da *Chaimite*, o *Adamastor* voltou a bombardear as posições alemãs, enquanto uma força de desembarque ocupava o posto alemão na ilha da Namaca onde, apesar das baixas sofridas (três mortos e seis feridos), ficou estabelecido um reduto artilhado, guarnecido por pessoal da Marinha.

No dia 27 de Maio de 1916, depois de um intenso bombardeamento pela artilharia dos navios e pelo posto da Namaca, uma força do Exército Português, incluindo soldados africanos, embarcados nos escaleres dos navios, iniciou a travessia do rio para ocupar a margem Norte^[6].

Recebidos por intenso fogo de metralhadoras, as forças portuguesas foram rechaçadas com elevadas baixas. Da Marinha, faleceram o Guarda-marinha Rodrigues Janeiro e dez praças, ficando feridos o Guarda-marinha Maia Rebelo, um sargento e sete praças.

Ficou ainda prisioneiro dos alemães o Primeiro-tenente Matos Preto, comandante da *Chaimite*, quando tentava, no rescaldo da acção, resgatar possíveis sobreviventes portugueses nos bancos de areia da margem alemã.

Só três meses mais tarde se conseguiu ocupar a margem alemã; Matos Preto, no entanto, só seria libertado a 29 de Setembro de 1917.

Em 1917, durante as operações de recrutamento de indígenas moçambicanos, para as forças auxiliares, o descontentamento, instigado pelos agentes alemães, ameaçou transformar-se numa revolta que foi subjugada com o auxílio de uma força de Marinha comandada pelo Guarda-marinha Prestes Salgueiro.

Na região do Barué também entrou em acção uma força de Marinha desembarcada do cruzador *Adamastor*, e que já se tinha distinguido nas operações do Rovuma. As lanchas-canhoneiras da *Esquadilha do Zambeze* também tiveram papel de relevo na defesa da região de Tete e evitando a sublevação das populações incitadas por agentes alemães das companhias e missões religiosas.

Em 26 de Abril de 1918, partiu do Tejo o cruzador *São Gabriel* com destino a Moçambique e que, 100 milhas a Noroeste da Madeira, teve um encontro com um submarino alemão que atacado a tiro submergiu.

Na cidade do Cabo, o navio português colaborou, durante quatro dias, na defesa da cidade, num período em que se esperavam levantamentos dos indígenas e havia apenas cinquenta polícias na cidade.

Os navios ingleses tinham largado para o mar em perseguição de alguns submarinos alemães avistados nas proximidades e o porto estava sem defesa em caso de quaisquer tumultos. Desembarcando 112 marinheiros e quatro oficiais, com armamento individual e as metralhadoras do navio, durante quatro dias, o porto daquela cidade – a única área que podia ser defendida – esteve à guarda da Marinha Portuguesa até ao regresso dos

navios britânicos que estavam no mar, empenhados na busca de submarinos alemães.

Na sequência do golpe militar que levou ao poder o Major Sidónio Pais (8 de Janeiro de 1918), foram deportados para Moçambique 240 praças da Marinha que tinham lutado contra aquele movimento.

O Ministro da Marinha, Comandante Carlos da Maia, entendeu preparar um novo *Batalhão de Marinha*, força sempre útil em qualquer situação de emergência, como a que então se vivia, e a que se juntariam aquelas praças que assim voltariam ao serviço da Armada^[7].

Embora sem o entusiasmo do precedente, o Batalhão foi organizado, em Abril de 1918, maioritariamente com voluntários, a bordo do cruzador *Almirante Reis*; dali seguiu para o paquete *Lourenço Marques* onde seguiu para Moçambique.

O Batalhão era constituído por três companhias e uma bateria de seis metralhadoras, com dezoito oficiais e 746 praças, a que se juntariam, em Moçambique, mais quatro Guardas-Marinhas dos cruzadores *Adamastor* e *São Gabriel* e as 240 praças ali deportados.

O paquete Lourenço Marques largou de Lisboa, a 17 de Junho de 1918, e chegou a Lourenço Marques a 22 de Julho; a 3 de Agosto, estava já o Batalhão instalado no Mussoril, pronto para operações. Seguiu para Quelimane a 25 de Agosto, a bordo do Luabo, por se aguardar um ataque dos alemães contra a cidade, cuja defesa era garantida apenas pelos marinheiros do *Adamastor*; seguiu depois para Regone e Gilé onde a passagem dos alemães deixara uma onda de sublevação entre as populações.

Uma companhia comandada pelo Primeiro-tenente João Capelo, embarcou no vapor *Capitania*, a 23 de Setembro, para Moábani, e depois, em marcha até Regone, onde estacionaram algumas semanas. Subiram depois o rio Maloqué pacificando toda a região com a colaboração de *ensacas* que atacavam a áreas revoltadas; ali permanecerem durante cerca de três meses, após o que regressaram a Quelimane, a 22 de Dezembro.

Naquela cidade, onde grassava um surto de pneumónica, o Batalhão sofreu vinte e três mortos, incluindo dois oficiais.

Regressou a Lisboa em Abril de 1919, a bordo do paquete *Lourenço Marques*.

Os Navios Mercantes Alemães

O início da guerra surpreendeu no mar numerosos navios da marinha mercante alemã, levando-os a procurar abrigo em portos neutros, evitando ser apresados pela *Royal Navy*. Nos portos portugueses do Ultramar encontravam-se imobilizados, desde o início da guerra, vinte e três navios de comércio alemães e um austro-húngaro, totalizando

110.500 toneladas^[8]. Foi ainda apresada, no rio Zambeze, a lancha *Salvador* pertencente à missão de jesuítas austríacos de Boror.

A falta de navios mercantes^[9] para garantir a manutenção do comércio marítimo, não só pelas perdas provocadas pela acção da guerra submarina como ainda pela necessidade de mobilização de elevado número de navios para fins militares, levou o Governo Português a encarar a requisição daqueles navios para suprir as faltas, utilizando-os para a navegação comercial nacional ou integrados na Armada.

Fracassadas as negociações com os armadores alemães, para a compra ou afretamento dos navios, a sua requisição viria a ser concretizada em 23 de Fevereiro de 1916, o que provocou a *Declaração de Guerra* da Alemanha, em 9 de Março.

Para suprir a falta de meios materiais, requisitaram-se ainda todos os pequenos vapores e lanchas que, sem grave prejuízo das actividades comerciais, podiam ser armados; mobilizaram-se no ultramar mais cinco embarcações^[10] que foram utilizadas nos serviços de transporte e de vigilância da costa.

A Marinha de Comércio

Não se pode deixar de fazer uma referência ao notável serviço desempenhado pela Marinha de Comércio, durante a guerra, conduzindo forças militares, passageiros e mercadorias. Representaram muitas horas de inquietação e de perigo que era encarado sem desfalecimento ou hesitação no cumprimento da missão, são actos que nunca deverão ser esquecidos.

Conclusão

Ficaram assim, sucintamente, relatadas algumas das missões que a Marinha cumpriu com pesados sacrifícios, nos teatros de operações em África, em cumprimento do seu lema:

A Pátria Honrai,

Que a Pátria vos contempla!..

^[1] * Vogal Efetivo do Conselho Fiscal da Revista Militar.

1 Embora habitualmente referido com *caça-minas*, o *Augusto de Castilho*, o arrastão

Elite, mobilizado para o serviço naval, foi oficialmente classificado como *Patrulha de Alto-Mar* e utilizado na escolta de navios mercantes.

^[2] Os paquetes *Durhan Castle* (britânico) e *Britannia* (francês) foram os únicos navios estrangeiros utilizados no transporte de tropas para África.

^[3] Destes destacam-se o Comandante Coreolano da Costa e o Primeiro-tenente Carvalho Araújo.

^[4] E só não saiu todo o Batalhão, porque Cerqueira energicamente se opôs.

^[5] Eram os vapores *Beta* (depois *Maio*, 2.179 ton), *Burgmeister-Hachmann* (*Ilha do Fogo*, 4.315 ton), *Dora Horn* (*São Nicolau*, 2.679 ton), *Heimburg* (*Santo Antão*, 4.196 ton), *Santa Barbara* (*Santiago*, 3.763 ton), *Theoder Wille* (*Boavista*, 3.667 ton), *Fogo* (*Brava*, 3.184 ton) e *Wurzburg* (*São Vicente*, 5.085 ton).

^[6] Estavam presentes, a bordo do *Adamastor*, o Governador-Geral de Moçambique, Capitão Álvaro de Castro, e o comandante militar, Major Moura Mendes.

^[7] Esta atitude de Carlos da Maia foi mal aceite por alguns sectores e terá sido uma das causas que concorreram para a tragédia que o vitimou.

^[8] No total, estavam em portos portugueses setenta navios alemães e dois austro-húngaros, representando 250.00 toneladas.

^[9] O total da Marinha Mercante portuguesa, em 1914, era de 73.000 toneladas, insuficiente para garantir as necessidades nacionais.

^[10] De um total de trinta, mobilizadas em todo o país.